

POR QUE ESTUDAR AS ANTOLOGIAS?

As antologias poéticas significam a democratização do acesso ao texto literário, o arquivo de um patrimônio cultural, a definição do literário, a construção de cânones, a resistência de grupos periféricos ainda fora do mercado editorial, o lançamento de novos autores, o exercício crítico. Organizadas, muitas vezes, para públicos específicos, não é raro encontrar antologias que definem claramente o público pretendido, este é o caso daquelas endereçadas a públicos como as crianças e jovens, principalmente as de cunho mais didático. Há, ainda, aquelas que publicam determinado segmento de escritores como as mulheres ou os jovens, por exemplo. Outras são organizadas pelos(as) próprios(as) autores (as) que reúnem o que consideram ser seus “melhores poemas”. As antologias podem, ainda, ser organizadas por temas, por gêneros literários ou épocas e, hoje, podem ser impressas ou digitais. Essas variadas formas de organização de uma antologia colocam em questão os critérios de seleção, a abrangência do levantamento dos textos que conformam cada antologia e as motivações estéticas, éticas e políticas das escolhas realizadas pelos antologistas, sejam eles poetas, críticos, jornalistas, editores.

O vigor desse fenômeno cultural, estético e editorial pode ser visto quando miramos nossa historiografia literária. A partir da segunda metade do século XIX surgiram várias antologias da poesia brasileira. Destacam-se *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil*, organizada por J. M. P. da Silva, cuja primeira edição é de 1848. Por certo a primeira grande antologia poética de nossa literatura foi *Florilégio da poesia brasileira*, em três volumes, organizada por Francisco Adolfo Varnhagem, publicada em 1850. Mas é na segunda metade do século XX que vão aparecer importantes antologias, sobretudo as que contemplam a poesia moderna.

Estudar as Antologias da Poesia Moderna e Contemporânea em Língua portuguesa é um campo aberto e, a nosso ver, bastante profícuo. A diversidade

de obras e os diferentes caminhos de composição abrem espaço para as mais diversas leituras. A poesia Moderna, hoje sabemos, demorou para chegar aos livros didáticos e ser levada à escola. As antologias com poemas Modernistas começam a aparecer após a II Guerra Mundial. Em depoimento no “Prefácio” da *Antologia das Antologias – 101 poetas brasileiros “revisitados”*, Alfredo Bosi (1995) afirma que “houve um descompasso entre a criação literária, que sofreu rupturas e se renovou aceleradamente ao longo do século XX, e sua lenta incorporação pelos mecanismos da escola média.” (p. 25). Essas informações são relevantes para que se perceba que a afirmação e difusão de um cânone moderno/modernista foi lenta.

A importante Antologia organizada por Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Holanda, *Roteiro literário de Portugal e do Brasil: antologia de língua portuguesa*, em primeira edição publicada em 1955, e que fora gestada 10 anos antes, conforme os autores, traz apenas 3 poetas modernistas, uma vez que um dos critérios adotados pelos organizadores foi o de publicar só obras de autores mortos, são eles: Mário de Andrade, Jorge de Lima e Ronald de Carvalho. Em sua justificativa para o uso de tal critério, os organizadores afirmam que estavam preparando uma nova antologia só com os poetas “modernos e contemporâneos”.

Ainda que a afirmação de um cânone moderno tenha sido lenta, registra-se que entre as décadas de 1940 e 1960 aparecem importantes antologias voltadas para nossa poesia Moderna. Um aspecto a ser destacado são as obras organizadas por autores portugueses, como é o caso da *Pequena antologia da Moderna Poesia Brasileira*, de José Osório de Oliveira, de 1944. No Prefácio, Oliveira nos dá notícias de obras anteriores, hoje de difícil acesso, como *Antologia de Poetas Modernos*, de Dante Milano (1935), e *A nova Literatura Brasileira*, de Andrade Muricy (1936), com prosa e poesia. Uma curiosidade nesta obra do autor português é a presença de Gilka Machado, poeta que ficou à margem de várias reuniões de poemas organizadas por brasileiros.

O sexto volume da coleção *Panorama da Poesia Brasileira*, voltada para *O Modernismo*, organizada por Mário da Silva Brito (1959), pode ser considerada uma das mais importantes antologias da poesia moderna. O número de poetas reunidos é bastante significativo e há nela uma *Introdução* que traz um “Roteiro histórico” e um “Roteiro estético” da Poesia Moderna. Só no ano

de 1969 vai aparecer outra grande antologia, *Poesia Moderna*, organizada por Péricles Eugênio da Silva Ramos. A abrangência é um pouco maior que a de Silva Brito. Nela já consta a produção da década de 1960. Na *Introdução* o autor apresenta uma leitura da trajetória da poesia moderna classificando-a em fases: I – Fase Heroica ou de Formação; II – Fase Primitivista; III – Fase de Autodeterminação e IV – Fase Construtivista. Esse tipo de construção e classificação, depois dessa iniciativa, será insistentemente repetido em textos críticos, historiográficos e didáticos.

Dentre as iniciativas de reunir a produção dos poetas modernos, a antologia da poesia desse período que consideramos a mais completa surge no início da década de 1970. Fala-se aqui da edição comemorativa do cinquentenário da Semana de Arte Moderna, intitulada *Poetas do Modernismo*, organizada em seis volumes, com Introdução e organização geral de Leodegário A. de Azevedo Filho. Nessa antologia, cada poeta é apresentado por um crítico literário diferente. É significativo o número de poemas publicados e a abrangência da obra, que vai dos primeiros poetas modernistas até a Poesia Concreta, Poesia Práxis e poema Processo. Nessa publicação já se observa a consolidação de nomes, textos, concepções críticas e analíticas sobre o que se considera poesia moderna brasileira.

No início deste século outra iniciativa editorial pode ser destacada. Trata-se de uma “Série”, denominada *Roteiro da Poesia Brasileira*, direção de Edla van Steen, que recobre a história de nossa poesia – das *Raízes* até *Modernismo*, com volumes sobre todos os estilos de época. A partir do Modernismo, a Série segue um critério cronológico: *Anos 30*, *Anos 40*, *Anos 50*, *Anos 60* até *Anos 2000*. Já foram publicados 15 volumes, por especialistas.

Na poesia brasileira contemporânea, aqui entendida temporalmente como as publicações do século XXI, há uma evidente tendência de aparecimento de antologias organizadas sob diferentes perspectivas: vozes femininas, poemas de poetas negros, poesia infantil e juvenil, literatura de cordel, temática erótica, social, política, dentre tantas outras. Dentre essas perspectivas destaca-se a presença marcante da poesia de mulheres, quer através de publicações reunidas de várias autoras, quer por meio de publicações individuais. Obras como *29 poetas hoje* (Holanda, 2021), *Mulheres e poetas* &

baianas (Oberlander, 2018), *Antologias de escritoras piauienses* (Mendes, Albuquerque, Rocha, 2009) e *Poetas negras brasileiras* (Arraes, 2021) revelam esse crescimento de publicações referentes à produção poética das mulheres. Outro viés que merece ser colocado é o fato de que as publicações não restringem mais apenas à produção do eixo sul/sudeste. Obras como *Engenho arreitado: poesia paraibana no século XXI* (Ribeiro Neto, 2021), *As mulheres poetas na literatura brasileira* (Jardim, 2021), *Cordel do encanto feminino* (Furtado, 2023) e tantas outras trazem a vitalidade desse tipo de publicação também nos diferentes estados no nordeste.

Nossos exemplos oferecem uma pequena, mas significativa, amostra de como a publicação de Antologias é uma constante na história da poesia. Poderíamos, ainda, pensando nas Literaturas de Língua Portuguesa, destacarmos duas importantes publicações: uma organizada em Portugal e outra publicada no Brasil, mas por autoras brasileiras africanas. São elas: *50 Poetas africanos*, organizada por Manuel Ferreira (1980) e *Poesia africana de língua portuguesa – antologia*, organizada por Livia Apa, Arlindo Barbeitos e Maria Alexandre Dáskalos (2012). Iniciativa, também, muito significativa é a coleção de Escritores dos países de Língua Portuguesa, publicada em Portugal, pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, composta por livros que reúnem obras poéticas de escritores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe.

Por esse breve histórico, pode-se perceber a vitalidade desse tipo de publicação, motivo que mobiliza pesquisas sobre o assunto. Para além dessa força cultural, patrimonial e memorialística que as antologias representam, há outras perguntas que nos moveram, e nos movem, quando do estudo dessa forma de circulação do texto literário: como a antologia nos informa a literatura? Como é construída a unidade da antologia como objeto literário? Essas perguntas são inspiradas tanto pela observação do fenômeno editorial no Brasil, descrito sucintamente no apanhado histórico apresentado, quanto pelo contato com estudos sobre o assunto, particularmente a obra *Les anthologies em France*, de Emmanuel Fraisse, republicada em 2017. A amplitude das questões apresentadas aparece, ainda que parcialmente, no conjunto de textos presentes no dossiê temático desta edição da revista *Texto Poético*, dispostos em ordem cronológica da publicação da antologia estudada.

No artigo de abertura, “Fernando Pessoa em *Poetas novos de Portugal* (1944), de Cecília Meireles”, Marcelo Alves da Silva apresenta a constituição geral da obra *Poetas Novos de Portugal*, antologia organizada por Cecília Meireles, para, em seguida, debruçar-se na parte específica da organização da poesia de Fernando Pessoa, realizada pela poeta. Alves, em seu artigo, discute a importância e os efeitos da “seleção e organização dos textos do poeta português”, e destaca que “Cecília Meireles organizou as peças poéticas do ortônimo e de seus heterônimos”. Essa questão da organização dos textos em uma antologia é fundamental para a compreensão do significado do relançamento de certos poemas quando selecionados. Nesse caso, Alves da Silva considera que a antologia é “o resultado de uma decisão editorial, que não se distingue de um trabalho curatorial”. O articulista informa, ainda, algo específico dos critérios de Cecília, ao explicar que para ela “três aspectos da obra de Fernando Pessoa chamam a atenção: a multiplicidade, o significado e a projeção das suas peças poéticas” e, ainda, afirma que a poeta brasileira ressalta, em primeiro lugar, a associação entre lirismo, abstração e despersonalização na obra pessoana, o que configura a sua poesia como um caso *sui generis*.” Essa visão da recepção de Cecília Meireles é retirada, pelo articulista, do texto de apresentação da Antologia.

O segundo texto do dossiê, “60 anos da Antologia *Teoria da Poesia Concreta* e as Literaturas Menores” é de Luciano B. Justino. O autor assume o compromisso de realizar “uma leitura assumidamente contemporânea” dos textos publicados há 60 anos. Para tanto, o articulista parte dos conceitos de “anacronismo”, de George Didi-Huberman (2015), e de “simultaneidade do não-contemporâneo” (2001), de Jesús Martín Barbero e German Rey. Diferente das outras obras estudadas no dossiê, Luciano Justino apresenta e discute uma antologia de estudos teóricos, demonstrando o quanto uma compilação de textos, reunidos em torno de uma ideia teórico-estética, pode oferecer perenidade a um legado artístico e promover o encontro de pesquisadores deste tempo com as ideias que circularam há mais de meio século. Justino assume como ponto de partida para suas análises o que considera uma “tensão insolúvel porque constitutiva” que emerge dos debates dos anos passados e que interpela e mobiliza os estudiosos a procurar “compreender o que há hoje, 60 anos depois, de mais instigante e pertinente nesta antologia”. Por meio dela discute as

“literaturas brasileiras contemporâneas, suas literaturas menores, de minorias étnicas e de gênero, e de suas relações com outras artes e outros sistemas simbólicos, através da voz e do som, da imagem e das diversas semióticas visuais, de um novo estatuto dos corpos e das tecnologias”.

O texto seguinte, “Mário Jorge às margens do verso: deslocamento e inquietação no sujeito poético”, de Khaterine Mendonça e Alexandre de Melo Andrade, apresenta a obra do poeta Mário Jorge a partir da antologia *Cuidado, silêncios soltos* (1993), organizada por Vinícius Dantas, que reúne a prosa-poesia do poeta sergipano. Os articulistas destacam que o critério de seleção e organização dos textos escolhidos por Dantas “procura seguir uma ordem cronológica dos textos mais recentes aos mais antigos” (Dantas, 1993, p. 15), ainda que não haja, segundo explicam, a possibilidade de precisar as datas de cada texto, uma vez que poucos foram datados pelo escritor. Os articulistas tomam como objeto de análise cinco poemas da seção “Marginauta” para analisar a voz poética nos textos. Segundo eles, essa análise parte “do pressuposto de que essa voz é uma constituição relacionada ao engajamento político, à resistência e à expressão subjetiva do sujeito”. O que se pretende é que ao problematizar o eu poético “como um sujeito deslocado no contexto histórico, social e político” evidencie-se o poeta como um “ativista pela palavra, cujas composições expressaram a realidade da existência à margem e o questionamento acerca das estruturas opressivas de sua época.”

A seguir estão dois textos que estudam as antologias da revista Cult. Os artigos são: “Nomear uma ausência é fazer com que ela exista: poesia e política em *Poemas para ler antes das notícias*”, de Felipe Lima e Ana Marinho; e “Um panorama das antologias poéticas da revista Cult em formato de revista”, de Francielle Villaça e Wilberth Salgueiro. Com esses dois artigos entram em cena um outro formato de antologia, aquela que não vem em livro, mas em revista, e as evidências da diferença entre a experiência de leitura de poesia em livro e a leitura dos poemas na revista, com produção editorial muito distinta daquela feita nos livros convencionais.

Filipe Lima e Ana Marinho, em seu artigo, enfocam a obra *Poemas para ler antes das notícias* (2019), lançada pela revista Cult, com curadoria de Alberto Pucheu. O artigo apresenta a leitura de três poemas (Mediante a “máscaras

brancas”, de Heleine Fernandes; “Eusébio”, de Josoaldo Lima Rêgo; e “Presente”, de Diego Vinhas) com os quais os autores discutem como esta antologia, pela reunião de textos escolhidos, denuncia “assassinatos recentes contra corpos negros e indígenas”. Essa escolha faz reverberar, no artigo (e na antologia), “os vazios deixados pelos corpos vitimados pelo racismo”, seus nomes no tempo presente e os compromissos políticos entre mortos/as e sobreviventes e, ainda, explicita a dimensão política da organização da publicação. Para Lima e Marinho, o processo de seleção dos textos poéticos para uma antologia firma um posicionamento político/poético, o que seria, nesse caso, a escolha de “poemas-denúncias” e a explicitação de “um posicionamento do lado dos matáveis, para que sejam amáveis e não matáveis”.

Fechando o dossiê, está o texto “Um panorama das antologias poéticas da Revista Cult em formato de revista”, de Francielle Villaça e Wilberth Salgueiro, que tomam a organização desse tipo de publicação “como um dos gestos críticos possíveis dentro do jornalismo cultural”. É com esse interesse que os estudiosos se debruçam sobre as antologias publicadas pela Cult, sendo elas: *Poemas para ler antes das notícias* (2019), *Quando a delicadeza é uma afronta* (2019), *Poemas para fazer o luto desse tempo* (2021) e *Sob um sol escuro também se escreve* (2022). Em seu artigo Villaça e Salgueiro destacam, tal como Lima e Marinho, o caráter político dessas publicações da Cult. Ao discutirem a dimensão crítica presente na organização dessas publicações, os estudiosos salientam a importância de se compreender, em publicações dessa natureza, para além dos chamados critérios visíveis. Para os autores do artigo pode-se considerar que há critérios de escolha na organização das antologias, que são “invisíveis” tais como “o repertório de poetas conhecidos e conhecidas pelos curadores e os mecanismos que colocaram esses autores e não outros em seus campos de visão”. Desse modo, segundo eles, “ler antologias em busca do mapeamento destes mesmos critérios [os invisíveis e não só os visíveis] se torna um modo de elaborar uma crítica da crítica literária”.

Com esse conjunto de textos, espera-se que essa reunião de artigos abra caminho para novas perguntas, novas pesquisas e novos olhares para essa importante forma de construção de uma espécie de memória da literatura, as antologias. Considerando nossos estudos recentes e o significado dos artigos

presentes no dossiê deste número, fica patente que o que garante a unidade da antologia são os critérios de seleção, objeto de debate em todos os artigos. A partir da observação do modo de constituição desses critérios, podemos notar que a antologia é uma publicação que tanto pretende amplitude como profundidade, o que se torna sempre uma tensão no processo de inclusão/não inclusão de textos e autores, e conseqüentemente, no objeto editorial final.

Outro dado é que a literatura organizada em antologias é sempre uma amostra, uma parte, e ainda que possa ser, o que é, espaço privilegiado de divulgação literária, é também espaço de afirmação dessas escolhas, fato que contribui para a construção dos cânones. Conformada por meio de um jogo de lembrar e esquecer próprio das seleções, as antologias são sempre uma informação parcial do fato literário, e assim devem ser compreendidas. Outro elemento relevante é compreender o desencadeamento de relações promovido pelas antologias que trazem estudos críticos de apresentação de autores e textos. Os estudos dos especialistas podem consolidar e cristalizar formulações analíticas das obras o que, se por um lado promove a possibilidade de leitura mais profunda dos textos, também corre o risco de enrijecer a recepção, se muito dirigida. Salientamos, finalmente, a importância dos paratextos das publicações tais como prefácios, notas explicativas, rodapés, glossários, que tanto reúnem informações que conformam a edição e dão a ela um caráter de documento fidedigno, quanto indica um modo de ler enformado em concepções críticas, históricas e estéticas marcadas por um determinado tempo.

Este número da *Texto Poético* traz, ainda, uma seção *Vária* com artigos sobre a poesia das poetisas Angélica Freitas, Neide Archanjo, Anna Świrszczyńska e Marina Colasanti e Fabiana Faleiros, além de Jorge de Sena e o romancista Guimarães Rosa. Andrade, Lopes e Polinser interpretam três poemas do livro *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, alinhados à crítica feminista e à fortuna crítica da poeta, “com foco na imagem” do que nomeiam como “a mulher indomesticável.” Oliveira e Pedrosa voltam-se para a obra *O poeta itinerante* (1968), de Neide Archanjo, detendo-se na leitura do último canto — “Épuras” —, apoiados no procedimento da écfrase. Cardoso e Kilanowski trazem uma reflexão sobre o corpo na poesia da poeta polonesa Anna Świrszczyńska. Marzani e Almeida voltam-se para

“imagens do corpo feminino” e “questões de prazer” na poesia de Marina Colasanti e Fabiana Faleiros. Analisam, respectivamente, os poemas “Pela janela aberta”, do livro *Fino sangue* (Colasanti, 2005), e “Aula-show I (Introdução sem microfone)”, do livro *Mastur Bar* (Faleiros, 2016). Chiara Carmelina Canta e Guido Oldani apresentam e discutem o Realismo Terminal (TR), “movimento de vanguarda fundado no campo literário-artístico em 2010 por Guido Oldani, poeta italiano contemporâneo”. Ao final do artigo os leitores têm contato com uma entrevista com o artista italiano concedida a Chiara Carmelina Canta. Maria Alice Ribeiro Gabriel traz um estudo cujo objetivo “é analisar a possível influência de ‘El prisionero’ em ‘Quadrinho de estória’”, conto de Tutaméia, de João Guimarães Rosa. Encerrando o número, Meirim analisa “a maneira como Jorge de Sena entende a tradução de poesia e os critérios por que se rege na sua atividade de tradutor”. Enfatiza que o poeta e tradutor português se preocupa “em adequar o estilo do autor de origem à língua portuguesa”, conforme revela em vários de seus ensaios.

Com esse conjunto de textos esperamos que o leitor encontre perguntas mobilizadoras para a construção de outros estudos tanto sobre o tema do dossiê — as antologias de poesia moderna e contemporânea de língua portuguesa —, quanto sobre os textos que compõem a seção *Vária*, plenos de proposições instigantes.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Prefácio In: GONÇALVES, Magaly Trindade; AQUINO, Zélia Thomaz de; SILVA, Zina Bellodi. *Antologia de antologias: 101 poetas brasileiros “revisitados”*. Prefácio Alfredo Bosi. São Paulo: Musa Editora, 1995.

BRITO, Mário da Silva. *Panorama da Poesia brasileira: o modernismo*. Rio de Janeiro: EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A., 1959. v. 6.

FILHO, Leodegário Amarante de Azevedo (org.). *Poetas do modernismo: antologia crítica*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. v. 1 a 6. (Coleção de literatura brasileira, 9A)

FRAISSE, Emmanuel. *Les anthologies en France*. L'Harmattan, 2017.

FURTADO, Porcina (org) *Cordel do encanto feminino*. Cajazeiras: Editora Arribação, 2023.

GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *Roteiro da poesia brasileira: modernismo*. Direção Edla van Steen. São Paulo: Global, 2008. (Coleção Roteiro da Poesia Brasileira).

HOLLANDA, H. Buarque (org). *As 29 poetas hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LINS, Álvaro; HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Roteiro literário de Portugal e do Brasil: antologia de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966. v. 2. (Segunda edição, revista e melhorada)

_____. *Roteiro literário de Portugal e do Brasil: antologia de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1966. v. 1. (Segunda edição, revista e melhorada)

LUCCHESI, Marco (org.). *Roteiro da poesia brasileira anos 2000*. Direção Edla van Steen. 1. ed. São Paulo: Global, 2009. (Coleção Roteiro da Poesia Brasileira).

MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia da "presença"*. Rio de Janeiro: Departamento de imprensa nacional, 1959.

OLIVEIRA, José Osório de (org.). *Pequena antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa: Oficina gráfica, 1944.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva (org.). *Poesia Moderna: antologia*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1967.

RIBEIRO NETO, Amador (org). *Engenho arretado: poesia paraibana do século 21*. São Paulo: Patuá, 2022.

TEIXEIRA, Ivan Prado (org.). *Roteiro da poesia brasileira: raízes*. Direção Edla van Steen. São Paulo: Global, 2008. (Coleção Roteiro da Poesia Brasileira).

SILVA, J. M P. (org). *Parnaso brasileiro ou seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: LAEMMERT, 1848.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo (org). *Florilégio da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1946. (3 volumes)

Raquel Beatriz Junqueira Guimarães^{*}
José Helder Pinheiro Alves^{**}

* Professora Adjunta da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Professora assistente da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Mestre e Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais e atua na área de Literatura Brasileira. Dedicar-se aos estudos sobre o leitor e a leitura de textos literários. Atualmente, realiza a pesquisa “A livre circulação do verso: grupos, projetos e publicações” com o objetivo de discutir formas atuais de produção e circulação da literatura brasileira, em especial os textos em verso. Para tanto, se dedica ao estudo de experiências distintas de criação, divulgação e publicação de poemas, inseridas no âmbito do jornalístico impresso e digital seja especializado, seja não especializado em arte e/ou literatura. Coordena o Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros. Participa do GT Teoria do Texto Poético, da ANPOLL. <https://orcid.org/0000-0002-2890-8999>

** Graduação em Letras - Faculdades Integradas de Uberaba (1983), Mestrado e Doutorado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (1992, 2000) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Professor Titular em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande, PB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, poesia e literatura de cordel. É membro do GT Literatura e ensino da ANPOLL. Publicou *Cordel no cotidiano escola*, com Ana Marinho (Cortez, 2013), *Poesia na sala de aula* (Parábola, 2018), *O preço do jumento: poesia em contexto de ensino* (Editora da UFCG, 2020); *Onde cantam os passarinhos* (Miroveu, 2022), *Leitura de poesia e algumas reflexões metodológica* (Editora da UFCG, 2024). <https://orcid.org/0000-0003-4304-7178>